



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

É disso que o povo gosta

A tradicional roda de samba no “anexo” do Largo Glênio Peres é uma síntese da gente que curte artistas de rua. Primeiro, os sambas são da velha guarda, ou quase. Segundo, os populares são um microcosmo desse tipo de espetáculo musical totalmente gratuito, com exceção na “sexta da cerveja”, que cada um paga a sua. Um popular samba ao ritmo dos músicos, todos veteranos, outros sentam em cadeiras, e um sem-cadeira senta no que a prefeitura dá de graça, a bola que inibe a entrada de carros para estacionar na ruela.

FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC



Até amanhã, se Deus quiser

Em ano eleitoral, é regra de ouro para os governos não tomar decisões e investimentos que gerem polêmica ou rejeição. Então, é um ano regido pelo planeta Tudo Parado, a não ser distribuição de benesses com dinheiro público para cativar o eleitor. O Legislativo também não arrisca, por isso não será surpresa se a discussão do 6x1 para 5x2 se arrastar no Congresso Nacional até o ano que vem.

Força total

Notável a força que o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos), faz para evitar que a CPMI do INSS convoque para depor pessoas ligadas ao governo ou ministros do STF.

Retrato falado

O MST está desenvolvendo uma campanha para enviar medicamentos para Cuba, que passa por maus bocados sem a mesada do presidiário Nicolás Maduro. O movimento informa que eles estão “sendo adquiridos no atacado junto ao laboratório Eurofarma, conforme solicitação do Ministério da Saúde de Cuba”. Ué! Os outros não são bons?

Leiloeiros

O leiloeiro Fábio Crespo foi reeleito presidente do Sindicato dos Leiloeiros Rurais e Empresas de Leilão Rural do RS (Sindiler), com foco no fortalecimento do papel dos leiloeiros no movimento dos negócios rurais no Sul do Brasil.

Começa o jogo

O senador e pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL-RJ) confirmou que o deputado federal Sanderson (PL) é pré-candidato ao Senado pelo Rio Grande do Sul. A chapa ao Senado será completada pelo deputado federal Marcel van Hattem (Novo).

Leite faz escolha

O repórter Marcus Meneghetti informou no JC de quinta-feira: acabou a tese de que vários candidatos da base aliada podem ser o nome da sucessão ao Piratini. O governador Eduardo Leite (PSD) foi categórico ao dizer que o vice Gabriel Souza (MDB) é o seu preferido para a eleição. Resta saber se Leite vai renunciar, o que deixaria o cargo para Gabriel a partir de abril, fortalecendo-o.

Papai é o maior

Vale a pena ler a Reportagem Cultural desta edição no caderno Viver: o jornalista Marcello Campos traz o perfil de Vicente Ráo. Além de rei momo, agitador cultural e personalidade da cidade, ganhou fama como torcedor do Internacional, tento popularizado a marchina “Papai é o maior”, considerada por anos o hino não oficial do Inter.

HISTORINHA DE SEXTA

A última sessão

- *Que tal um chopinho depois do cinema?*

Esta era uma frase corriqueira falada antes que os cinemas de rua desaparecessem e quando o Centro de Porto Alegre ainda pulsava como ser vivo.

A importância deles, devorados pela televisão, shoppings e outras tecnologias digitais não se encerrava por si mesma. Não só. Os cinemas arrastavam uma cadeia econômica antes e depois das sessões, que terminavam à meia-noite e até depois do último bonde.

No “antes”, havia o capricho de usar uma boa e confortável roupa para os homens e um vestido para as mulheres. No “depois”, a maioria ia jantar ou beber um chope amigo nos inúmeros bar-chopes da cidade, a maioria fora do Centro.

Cada bairro tinha pelo menos um. Geralmente conhecidos em toda a cidade. O prato de resistência era o sanduíche aberto como marca registrada e, depois, vinha o forte da casa, geralmente um filé alto ou picadinho ou almôndegas. O frango não era comum de se comer nestes templos.

Nos anos 1950, se dizia que pobre quando come galinha, um dos dois estava doente. Galináceos e suas coxinhas eram coisa de lancherias e outros come-rápido, geralmente em almoços na região central, porque lá havia grande população que trabalhava ou ia a lazer ou comprar no universo das lojas.

Mencionar o pioneiro do sanduíche aberto é comprar briga, assim como a primeira galeteria como as que conhecemos hoje. No meu pequeno universo, o primeiro que devorei como se fosse minha última refeição de condenado foi no Urso Branco, na Pinto Bandeira quase com Alberto Bins. Levava uma combinação de pernil, presunto, salada, queijo e tomate empilhados em pão preto. Depois inventaram de botar cenoura em conserva, algo tão estranho como botar ervilha em sorvete.

Namorava-se nos bar-chopes, noivados eram acertados, aniversários de casamento, rompimentos eram encaminhados, enquanto nas mesas do lado rodas permanentes praticavam algo que hoje foi substituído pelas redes sociais, sobretudo entre os jovens.

Até hoje sinto saudades de como se acertava (ou desacertava) a vida com o gogó, e não com os dedos. Não à toa a solidão vai crescendo com o avanço da tecnologia. E mesmo que na época se fizesse refeições fartas, porque a classe média tinha poder de compra maior que hoje, a obesidade era exceção, e não regra.

Mesmo os pobres comiam melhor. O “completo” tinha o que o organismo precisava, mesmo que a carne não fosse filé. Proteína vegetal (feijão), carboidratos (arroz ou massa) salada e não raro um copo de 300 ml de leite. Nutricionistas diziam que era uma sábia mistura, tudo em um prato fundo. O famoso PF. Refrigerante, quando muito, em copo. Nem preciso explicar o prejuízo corporal com o avanço dos fast foods.

Quando a classe média e os camelôs foram expulsos do Centro, hoje chamado Centro Histórico, talvez pela extinção, mudou toda a cidade. Vieram os shoppings e ruas que concentram atividades gastronômicas, em boa parte como alibi para o antigo “encher a cara”.

Tentativas de revivê-lo forçosamente deveriam incluir trazer os que de lá foram expulsos. E, mesmo assim, a noite hoje é hostil, tal e qual uma cidade de 1,3 milhão de habitantes que corre para ligar para ninguém, buscando apenas sobrevivência. A cidade Alegre só funciona por algumas horas, movida não raro pelas drogas e o álcool para alterar a consciência.

Aqui e acolá ainda há lugar para conversas em algum barzinho, mas, lamento, não se ouvirá mais uma frase que marcou gerações antes que o mundo virasse essa coisa que é hoje.

- *Que tal um chopinho depois do cinema?*